

Before Brasília

Resenha do livro de KARASH, Mary C. Before Brasília: Frontier Life in Central Brazil. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016.

Izabel Missagia de Mattos*

A professora Mary Karasch é conhecida no Brasil por suas contribuições originais de extrema importância para a história do Brasil colonial e por suas conferências realizadas por todo o país. Baseando-se sempre em extensas pesquisas arquivísticas e documentais, ela vem abordando diferentes temáticas como a escravidão, a resistência dos negros, das mulheres livres de cor, dos quilombos, dos índios ladinos, dos conflitos e resistência interétnica em Goiás, da política indigenista colonial entre outros. Dentre suas publicações destaca-se o livro *Slave Life in Rio de Janeiro*, merecedor do prêmio "Albert J. Beveridge" da Associação Americana de História, publicado em 1987 pela Universidade de Princeton traduzido no Brasil como *A Vida dos Escravos no Brasil*, no ano de 2000, pela Companhia das Letras. Especificamente na área da história indígena, o seu capítulo "Catequese e cativo: Política indigenista em Goiás, 1780-1889", publicado na já clássica coletânea *A História dos Índios no Brasil*, organizada por Manuela Carneiro da Cunha e também publicada pela Companhia das Letras, a torna uma referência imprescindível nesta área de estudos. A autora é doutora em História pela Universidade de Wisconsin em Madison e professora emérita de na Universidade de Oakland, Califórnia. Foi professora Fulbright nas Universidades de Brasília, de 1977 a 1978, e na Federal de Goiás, em 1993.

Infelizmente ainda sem previsão de publicação em língua portuguesa, *Before Brasília* já surge como uma obra de referência essencial sobre a colonização do Centro-Oeste brasileiro, seja pela abrangência das

* Professora associada de Antropologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atua em cursos de graduação e Pós-graduação nas áreas de História e Ciências Sociais e é autora do livro *Civilização e Revolta: os Botocudos e a catequese na Província de Minas* (2004) - trabalho premiado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS, 2003) -, fruto de pesquisa de doutorado realizada na Universidade Estadual de Campinas. Atualmente vem investigando, com o auxílio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro, processos referentes à memória social, paisagem e patrimônio cultural de povos indígenas em Minas Gerais.

fontes pesquisadas nos mais diversos arquivos no Brasil, Portugal, Estados Unidos e Áustria, seja pelo seu rigor teórico e metodológico. Fruto de décadas de pesquisa em arquivos, conjugada com observações de campo, o livro da historiadora norte-americana.

A narrativa, rica em detalhes sobre o ambiente, a cultura material e o cotidiano dos diferentes atores naqueles *sertões*, fornece elementos que conduzem a imaginação do leitor a um fascinante mergulho no passado. Em muito auxiliam o leitor interessado no conhecimento de faces da história pouco exploradas sobre a conquista e “civilização” da região; as belíssimas ilustrações coletadas nas bibliotecas do Congresso e Oliveira Lima em Washington DC e as reproduções visuais dos materiais etnográficos recolhidos pelo naturalista Johann Emmanuel Pohl para o Museu Etnológico de Viena; assim como os mapas que resumem informações como fluxos e movimentos demográficos e as tabelas quantitativas com conteúdos cruzados de diferentes fontes.

De uma forma irreverente, a autora trata como “intrusos” e “invasores” os bandeirantes, considerados heróis na historiografia paulista, o que já serve de indício da opção pela história social dos subalternos: escravos, povos indígenas, mulheres assumem, desta forma, papéis de protagonismo, nesta que constitui, sem dúvida, uma importante contribuição para a historiografia brasileira.

Levados por sua narrativa podemos penetrar com as *bandeiras* nos *sertões* e observarmos detalhes de seu cotidiano, suas práticas de sobrevivência e suas relações com os indígenas - aos quais buscavam convencer a seguirem como aliados, por meio de brindes como ferramentas de metal, porém eliminando cruelmente aqueles que se recusavam, tomando-lhes à força mulheres e crianças sobreviventes.

Por meio das tabelas que contabilizam os tributos à Coroa, aprendemos que a Capitania de Goiás foi a segunda mais rica do país, perdendo apenas para Minas Gerais. Sua riqueza, no entanto, não advinha das jazidas auríferas ali descobertas a partir de 1720, porém da criação extensiva de gado no *cerrado*. A dificuldade de contabilizar o ouro obtido pelas elites naqueles *sertões* - onde o contrabando parecia fugir ao controle, assim como também fugiam escravos negros, desertores e criminosos, que se perdiam em

meio às vastidões onde habitavam os indígenas – foi um problema administrativo nunca resolvido pela Capitania ou Província de Goiás – como passaria a ser chamada no período imperial (1822-1889).

O temor de ataques de indígenas era constante nos povoados, devido toda a história de violência, iniciada com as primeiras bandeiras em 1590. O problema da ordem pública nos proto-núcleos urbanos que se formavam relacionava-se ao evidente abuso sobre as populações escravizadas, tanto de negros como indígenas, principalmente em relação às mulheres – violentamente levadas ao “descimento”, ao concubinato e à prostituição. A autora recupera, mesmo assim, o protagonismo feminino, sobretudo no processo de “pacificação”, abordando ainda os temas pouco estudados da participação de mulheres nas guerras indígenas, bem como o de suas “alianças” com os homens luso-brasileiros.

Os povos guerreiros resistiram bravamente à invasão, à sujeição, às missões e ao cativeiro e os que se aliaram aos invasores passaram a realizar diferentes tipos de troca, que incluíram, por vezes, os próprios escravos negros, com os quais os indígenas mantiveram relações diversas e complexas, que incluíam capturas para posterior cobrança de resgate – fenômeno observado em outras regiões de *fronteira* – campo de estudos ao qual se integra a perspectiva teórica e metodológica da obra, de modo a abrir-se à possibilidades comparativas relativamente a outras experiências de conquista nas Américas.

Os diferentes povos indígenas presentes naquelas paisagens foram estudados pela autora com auxílio de aportes etnológicos, bem como por meio da exploração da obra dos viajantes e de suas informações etnográficas, como as do alemão Curt Nimendajú - pioneiro no estudo sistemático dos povos indígenas no Brasil.

A violência das guerras e seus desastres são relatados com o mesmo tratamento profundo e rigoroso que o das sensibilidades e conhecimentos das mulheres e homens indígenas escravizados, entre outros atores que por ali circularam, sempre desenhando na paisagem um movimento constante e fluido, através dos rios e serras que compõem a paisagem da região.

Em continuidade com seus estudos anteriores sobre os escravos no Rio de Janeiro - pioneiro neste tipo, abordagem hoje muito adotada na

historiografia - Mary Karash desvela também no Centro-Oeste os processos de mudança cultural pelos quais os africanos passaram, ao descrever sobre seu cotidiano de resistência à escravidão, principalmente por meio de suas agremiações religiosas, festas e ritos, bem como a complexidade dos diferentes papéis desempenhados pelos libertos e homens “de cor”.

O livro irá permanecer, enquanto guia, a fornecer elementos para as mais diversas investigações sobre história social e cultural daqueles homens e mulheres imersos em um mundo em colapso que, de fato, significou a hecatombe para povos inteiros, como foram os Goiás e os Crixá. Mais do que disso, auxiliará, sem dúvida aos próprios herdeiros deste passado na reconstrução de sua memória.

Recebido em Maio de 2018
Aprovado em Junho de 2018

